

# ARTE EM TEMPOS SOMBRIOS



caderno de resumos



*Imagem:*

*Lydio Bandeira de Mello*

*Leopoldina MG 1929. Vive no Rio de Janeiro – RJ.*

*Sem título, 2019*

*Carvão crayon e pastel seco, 75 x 55 cm*

*Acervo Lydio Bandeira de Mello.*

*Crédito Fotográfico: Rafael Bteshe.*

**41º. Colóquio do Comitê Brasileiro de História da Arte**

# **ARTE EM TEMPOS SOMBRIOS**

caderno de resumos

**Evento virtual**

**2021**



41º Colóquio do Comitê Brasileiro de  
História da Arte

23 a 27 de novembro de 2021

Arte em  
Tempos Sombrios



## 41º COLÓQUIO DO COMITÊ BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA ARTE: *ARTE EM TEMPOS SOMBRIOS*

**Evento virtual**

**23 a 27 de novembro de 2021**

### **Diretoria do CBHA (Gestão 2020 - 2022)**

Marco Pasqualini de Andrade (UFU) – Presidente

Neiva Bohns (UFPeL) – Vice-Presidente

Rogéria Moreira de Ipanema (UFRJ) - Secretária

Arthur Valle (UFRRJ) - Tesoureiro

### **Comissão de Organização**

Marco Antonio Pasqualini de Andrade (UFU/CBHA) (presidente)

Arthur Valle (UFRRJ/CBHA)

Marize Malta (UFRJ/CBHA) Neiva Bohns (UFPeL/CBHA)

Rogéria Moreira de Ipanema (UFRJ/CBHA)

Sandra Makowiecky (UDESC/CBHA)

### **Comitê Científico**

Almerinda Lopes (UFES/ CBHA)

Arthur Valle (UFRRJ/CBHA) Bianca Knaak (UFRGS/ CBHA)

Blanca Brittes (UFRGS/CBHA)

Camila Dazzi (CEFET-RJ/ CBHA)

Fernanda Pequeno (UERJ/ CBHA)

Fernanda Pitta (Pinacoteca-SP/ CBHA)

Marco Pasqualini de Andrade (UFU/CBHA)

Maria do Carmo de Freitas Veneroso (UFMG/CBHA)

Maria Izabel Branco Ribeiro (FAAP/ CBHA)

Marília Andrés Ribeiro (UFMG/CBHA)

Neiva Bohns (UFPeL/CBHA)

Niura A. Legramante Ribeiro (UFRGS/ CBHA)

Paulo César Ribeiro Gomes (UFRGS/ CBHA)

Raquel Quinet Pifano (UFJF/CBHA)

Rogéria Moreira de Ipanema (UFRJ/ CBHA)

Vera Pugliese (UnB/ CBHA)

### **Equipe de Produção**

*Coordenação geral*

Rogéria de Ipanema (UFRJ/CBHA)

*Coordenação das equipes*

Martha Werneck de Vasconcellos (EBA-UFRJ)

*Pós-graduação em Artes Visuais (PPGAV-EBA-UFRJ)*

Debora Camilo dos Santos

Gabriel Pereira

Licius da Silva

Paulo Cesar Holanda

*Bacharelado de História da Arte (EBA-UFRJ)*

Carlos Henrique de S. Fernandes

Caroline de Castro Miranda

Julia Poina

Lorena Kock Nascimento

Lucas Gibson



## QUANDO RESISTIR É ANDAR EM “MARCHA À RÉ”

BLANCA BRITES<sup>1</sup>

<sup>1</sup> UFRGS / CBHA / blancabri@gmail.com

### RESUMO EXPANDIDO

Agora quando domina a obscuridade e só resta esperar que ela passe, a inércia leva à submissão, como coloca Georges Didi-Huberman mas, segundo ele, sua neutralização está associada ao sentido de Levantes, tema da exposição (2016) da qual ele foi curador. Assim a arte pode impulsionar uma resistência, seja ela coletiva ou individual, pública ou sorrateira, organizada ou na desordem que o tempo exige. Na história recente do Brasil vimos o repúdio dos artistas nos 20 anos de regime militar, no entanto, cinquenta anos depois, ironicamente se instala novo governo militar eleito pelo voto democrático. Os tempos são outros, mas quando há descaso pelo bem supremo que é a vida, urge contestar, e talvez recorrer ao que Frederico Moraes, em 1969, chamou de arte de guerrilha, da qual as “Troupas” de Arthur Barrio são exemplo. E um basta se impôs na noite de 4 de agosto de 2020, com a contundente “Marcha à Ré”, do Teatro da Vertigem com a colaboração de Nuno Ramos. Inicialmente o projeto comissionado pela 11ª Bienal de Berlim, que homenageava Flavio de Carvalho, ocorreria naquela cidade, mas a pandemia tudo muda e a obra torna-se uma performance em *site-specific* e resulta no curta metragem dirigido por Eryk Rocha, apresentado na citada bienal. A referência a Flavio de Carvalho está na ação provocadora de andar no contrafluxo da procissão de *Corpus Christi* no centro de São Paulo, em 1931. Logo após ele publica o livro “Experiência nº 2” em que revela querer palpar psiquicamente a alma coletiva. A marcha fúnebre do Teatro da Vertigem, com 120 carros em deslocamento de marcha à ré, denuncia o retrocesso em que vivemos e o descaso do governo com as mortes por Covid-19. A ação inicia na Av. Paulista e vai até a entrada do Cemitério da Consolação. Nesse local, em cima do pórtico de entrada, um trompetista toca o Hino Nacional também de trás para diante, onde está um desenho da “Série Trágica” (1947), de Flavio de Carvalho, sobre os últimos instantes de vida de sua mãe e que se ajusta a agonia dos mortos dessa pandemia. Todo o trajeto é acompanhado pelo som amplificado dos respiradores das pessoas em UTI. A fala de Antônio Araújo, diretor do Teatro da Vertigem, é uma manifestação pública do luto e ao mesmo tempo um salto de potência ao qual está vinculado o binômio arte e política.

### **PALAVRAS-CHAVE:** (até 5 palavras-chave)

Teatro da Vertigem. Marcha à ré. Flavio de Carvalho. Experiência nº 2. Arte e resistência.

**IMAGENS:**



Figura 1. “Marcha à ré”.  
Foto: Matheus José Maria

Disponível em: <https://psicanalisedemocracia.com.br/2020/08/>



Figura 2. “Marcha à ré” Portão do Cemitério da Consolação com imagem de Flávio de Carvalho.

Foto: Eduardo Knaap/Folhapress

Disponível em: <https://associacaoceanos.pt/marcha-a-re-de-nuno-ramos-contra-o-retrocesso/>

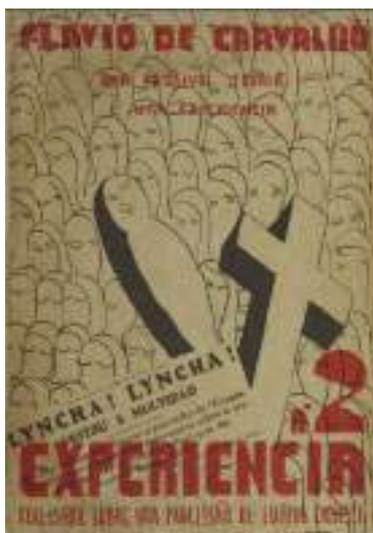


Figura 2. Flávio de Carvalho, “Experiencia n. 2, realizada sobre uma procissão de Corpus Christi, uma possível teoria e uma experiência”, 1931.

Coleção Brasileira Guita e José Mindlin

Disponível em: <https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/2116>